



A OPRESSÃO SOFRIDA PELA PERSONAGEM SIBYL VANE NA OBRA O RETRATO DE DORIAN GRAY

Leandro Rodrigues Torres

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - reitoria@uern.br

RESUMO: Por muito tempo, o comportamento feminino vem sendo estudado dentro das sociedades. De forma sincrônica e anacrônica, a mulher é analisada e questionada em diferentes aspectos (psicológico, social, físico, histórico, linguístico). Através de estudos relativamente recentes, buscou-se saber quais os papéis ocupados por elas dentro da sociedade e o porquê de desempenharem funções que, de forma hierárquica, são consideradas inferiores as que são exercidas por homens. É fato afirmar que os questionamentos são mais antigos que as alterações na estrutura social. No império britânico, século XIX, as mulheres já refletiam sobre suas condições de submissão e reivindicavam mudanças através da literatura e outras formas de expressão, mas foi na década de 1960 que essas alterações se efetivaram e o movimento ganhou ainda mais força. Dessa forma, esse trabalho busca investigar se a personagem Sibyl Vane sofre repressão na obra *O retrato de Dorian Gray*. A análise foi feita levando em consideração o modo de tratamento a que a mulher era submetida no período vitoriano. Essa pesquisa é fundamentada nas contribuições de Woolf (1997), Lopes (1986) e Abrams (2001) que dissertaram sobre a situação do sujeito feminino britânico do século XIX e XX. Foi possível constatar que existe o sufocamento feminino da personagem Sibyl que tem sua personalidade oprimida pela sociedade da época vitoriana.

Palavras-chave: Feminismo, O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde.

1 INTRODUÇÃO

Desde o fim da igualdade de gênero que existiu na pré-história e foi comprovado pela ciência (cf. GALILEU, 2015)¹, a mulher é vista como inferior; assim, existe uma hierarquização entre os sexos que foi construída socialmente e é fruto da sociedade patriarcal (cf. BEAUVOIR, 2009). Ainda segundo a filósofa francesa, Simone de Beauvoir, “Todas essas dissertações [tentativas de provar cientificamente a superioridade masculina] que misturam um

vago naturalismo a uma ética ou a uma estética ainda mais vagas são puro devaneio” (BEAUVOIR, 2009, p. 54), ao mesmo tempo em que afirma ser uma criação social, a autora também desconstrói a ideia de que a inferioridade feminina é natural.

Não é possível, nem necessário, definir precisamente a data de início da hierarquização sexual. No entanto, um dos fatores que desencadeou a inequidade entre os sexos foi a agricultura. Logo que começou a cultivar seus alimentos, o homem também acumulou posses e criou a propriedade privada, o que corroborou com o desenvolvimento da desigualdade (cf. ROUSSEAU, 2004).

¹ Fonte: Galileu: Ciência comprova que igualdade de gênero existiu na pré-história. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/blogs/fator-x/noticia/2015/05/ciencia-comprova-que-igualdade-de-genero-existiu-na-pre-historia.html>>. último acesso em: 28 de dezembro, 2015.



A organização social hierárquica que inferioriza o feminino perdurou por muito tempo em diversos países do mundo, como na Inglaterra na Era Vitoriana (1837-1901). É nesse período que focaremos para o desenvolvimento desse trabalho.

Nosso objetivo é fazer uma análise da repressão que sofre a personagem feminina Sibyl Vane na obra literária *O retrato de Dorian Gray*; romance escrito por Oscar Wilde (1854-1900), que conta a história de um jovem rapaz que se apaixona por sua própria beleza, obra que teve sua primeira versão publicada no ano de 1890.

No romance, Sibyl Vane é uma das personagens por quem Dorian se apaixona, quando ele tem um momento de extrapolação do amor voltado ao Eu, mas, que logo é quebrado na narrativa, a personagem feminina pode ser considerada uma espécie de possibilidade de salvação da vida fadada ao fracasso que a personagem masculina leva.

Desse modo, para a elaboração desse trabalho, a literatura da época que retrata a mulher e os escritos de Virginia Woolf (1997) sobre suas experiências é o que nutre esse trabalho e dá suporte para o desenvolvimento da análise.

2 O ANJO DO LAR E A NOVA MULHER

No início da Era Vitoriana, o primeiro perfil feminino que apresentava a mulher com características frágeis, que usava longos vestidos, de expressão apática e que era comparada à mobília da casa foi apresentado por H. R Hays como a mulher em forma de sino. Essa mulher sofria a repressão até mesmo de suas próprias roupas, com uma estrutura metálica que a sufocava, dificultando sua respiração. A ela, ao feminino, não era permitido nenhuma expressão de prazer ou desejo sexual

Posterior a figura feminina de longos vestidos, perdurou a ideia de que a mulher era um ser que deveria dedicar sua vida, única e exclusivamente, ao lar, marido e filhos. Perfil que refletia o puritanismo britânico e que foi retratado no poema “O anjo do lar” de Coventry Patmore, que descreve a mulher como um indivíduo que tem a obrigação de amar, de uma pureza inata e que sua vida é voltada não a si, mas ao outro: “A qualquer momento, ela continua sendo sua esposa, / Docemente dedicada a seus braços; / Ela ama com o amor que não se cansa / e quando se angustia, ela ama sozinha / através do dever da paixão que elevam o seu amor / como a grama que ganha mais altura ao redor de uma pedra.”² (PATMORE, 2011, tradução nossa)

² At any time, she's still his wife, / Dearly devoted to his arms; / She loves with love that cannot tire; / And when, ah woe, she loves alone, / Through passionate duty love springs higher, / As grass grows taller round a stone. Disponível em:



A figura feminina não tinha uma identidade e, muito menos, uma independência, ela deveria ser uma réplica de um modelo já pré-estabelecido e que tinha como forma uma espécie de ser passivo, sem a possibilidade de emancipação do masculino. Ela devia seguir um padrão, muitas vezes relacionado a outras mulheres como a do reverendo J Goodby, que era “[...] piedosa, respeitável e ocupada - sem uma vida de lazer. Sua obrigação e constante devoção ao marido, bem como a Deus [...]”³, seu espaço era o lar, sua vida era para a religião, para o homem com quem se casasse e para aqueles com quem tinha relações consanguíneas, ela era a serva de seu marido, filhos, pai e irmãos.

Esse papel de mãe, guardiã do lar, suplemento do masculino, era levado a tal ponto que “A maternidade era esperada de uma mulher casada e as mulheres solteiras sem filhos eram figuras dignas de pena”⁴ (ABRAMS, 2011). A função do sujeito

<http://academic.brooklyn.cuny.edu/english/melan/i/novel_19c/thackeray/angel.html>. Último acesso em: 29 de dezembro de 2015.

³ She was pious, respectable and busy - no life of leisure for her. Her diligence and evident constant devotion to her husband, as well as to her God, identifies Frances Goodby as an example to other women. (ABRAMS, 2001, Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/history/trail/victorian_britain/women_home/ideals_womanhood_02.shtml>. Último acesso em 29 de dezembro de 2015).

⁴ Motherhood was expected of a married woman and the childless single woman was a figure to be pitied. Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/history/trail/victorian_britain/women_home/ideals_womanhood_06.shtml>. Último acesso em 29 de dezembro de 2015.

Tradução nossa).

feminino era a maternidade, ou seja, esse era o sentido de sua vida, a mulher não podia demonstrar prazer, sempre vista como frágil e passiva (cf. LOPES, 1986). No entanto, ainda no período vitoriano, essa condição começou a ser modificada.

No final do século XIX, iniciou-se a constituição da imagem de uma nova mulher, um perfil que procura desconstruir a ideia de fragilidade do feminino, uma tentativa de “[...] transformar a mulher anteriormente casta e virgem em um ser consciente de suas necessidades sexuais.” (LOPES, 1986, p. 6). O que foi fortemente influenciado pela literatura, movimento que teve como uma de suas precursoras a autora Ella Darcy; também contribuiu para o fortalecimento da criação de uma nova visão sobre o feminino, a literata Chavelita Dunne. Usando o pseudônimo de George Egerton, escreveu histórias sobre o mundo feminino que “[...] concentram-se na sua sexualidade, seus conflitos emocionais e sua determinação de ser livre e independente.” (LOPES, 1986, p. 7). Outros que também refletiram e tentaram reverter a situação feminina foram George Moore, D.H Lawrence e Henry James.

Dessa maneira, é requerido o desejo a satisfação sexual, a emancipação da mulher em relação ao homem, o seu direito de ter suas próprias escolhas em relação ao casamento e a outras questões que envolviam



a sua liberdade. Visão que contrariava a da sociedade patriarcal, pois via a mulher “[...] como um ser forte, sensível, fascinante, inteligente e bastante atraente, um verdadeiro desafio à visão dos antifeministas que a encaravam como neurótica ou reprimida.” (LOPES, 1986, p. 7) essa ideia de uma nova mulher foi abordado na obra *Keynotes*, publicada por Eggerton em 1893 e que tinha como principal temática a feminilidade e como ser mulher naquela época.

3 O SUFOCAMENTO DO AMOR E DA RAZÃO REPRESENTADO PELA OPRESSÃO DE SIBYL

A personagem Sibyl é uma das figuras femininas que aparecem no romance de Oscar Wilde. Ela, em um pequeno momento da obra literária, é objeto de desejo de Dorian. Um amor que só existe enquanto ela representa, quando satisfaz os desejos dele de vê-la atuar nos palcos.

Para a jovem atriz, o teatro é uma espécie de prisão, é um dos poucos locais no qual ela aparece na narrativa. O aprisionamento existe porque sua família deve dinheiro ao dono do teatro e sua personalidade é omitida pelas personagens que ela vive nos palcos, pois interpreta as mulheres que tentam se emancipar dos homens, e, que em alguns momentos,

conseguem, o que ela é incapaz; como Imogênia que vai contra a vontade de seu pai e consegue casar com Póstumo. No entanto, Sibyl é subjugada por sua mãe.

Dessa forma, a personagem não tem escolha a não ser interpretar, existe uma escravização por sua condição financeira, o que intensifica a opressão que ela sofre: “— Só me sinto feliz, Sibyl, quando a vejo representar. Só deve pensar no seu trabalho. O sr. Isaac tem sido muito bom para nós e lhe devemos dinheiro. [...] O sr. Isaac antecipou-nos cinquenta libras para liquidarmos as nossa dívidas e comprarmos uma roupa decente para James.” (WILDE, 1996, p. 73)

Ela paga por um dívida que não é só dela, mas, também, de seu irmão e de sua mãe. James Vane é mais uma personagem que contribui para o sufocamento da personalidade de Sibyl. Em um dos poucos momentos em que a personagem aparece em um ambiente aberto que poderia representar liberdade, a atriz sente o esmagamento exercido por seu irmão. Quando estava com ele, “Ela sentia-se oprimida. Não conseguia comunicar-lhe sua alegria. O máximo que provocava nele era o esboço de um pálido sorriso em sua boca melancólica.” (WILDE, 1996, p. 81). Seus familiares contribuem para a sua coibição, apesar de ser ela a responsável pelo sustento deles.

À atriz é atribuída a responsabilidade de prover tudo o que era necessário para a



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sobrevivência de sua mãe e irmão, estes, são os mesmos que a impendem de lutar por sua liberdade e intensificam a sua retração. O que agrava mais a situação de Sibyl e é um dos motivos pelo qual ela tem que trabalhar, é o fato de que seu pai já havia falecido, e ela e James são filhos de uma relação extraconjugal, eles não tem direito a herança ou reconhecimento: “— Diga-me a verdade. Tenho o direito de saber. A senhora era casada com meu pai? [...] — Não — respondeu-lhe espantada com a rude simplicidade da vida. [...] — Eu sabia que ele não era livre. Nós nos amávamos muito. Se estivesse vivo, não nos abandonaria. Não o condene, meu filho. Era seu pai e era uma cavalheiro. Era muito bem relacionado.” (WILDE, 1996, p. 81)

O pai de Sibyl poderia ser um homem com posses e poder, mas que já havia morrido e nada deixou para seu irmão, uma possibilidade de ascender socialmente. Outra forma era casando-se com Dorian Gray, mas ela mesma se vê diferente dele, um sentimento de inferioridade, “— Por que ele me ama tanto? Sei por que o amo. Amo-o porque ele poderia ser o próprio Amor. Mas o que vê ele em mim? Não sou digna dele.” (WILDE, 1996, p. 74) a palavra “Amor” grafada com o “A” maiúsculo personifica o amor que a personagem sente, e também mostra que essa personificação corresponde

ao próprio Dorian Gray, ela o coloca em uma posição divina e, ao mesmo tempo, se rebaixa em relação a ele.

O poder de Sibyl é representado por seu nome, que na mitologia grega significa oráculo, ser que recebe orientações dos deuses e instrui pessoas a tomar decisões sobre suas vidas. Seu segundo nome, Vane, faz referência ao objeto que serve para orientar a direção do vento. A partir de seu nome, a personagem poderia indicar o melhor caminho a ser seguido, mas ela é silenciada, ignorada e omitida pela repressão de sua personalidade, devido sua posição social desfavorecida e sua profissão de atriz.

O teatro se confunde com sua vida, é o local onde ela está a maior parte da obra, local não acolhedor, descrito “[...] como um bolo de casamento de terceira classe. [...] as duas fileiras de poltronas enebadas, completamente vazias [...]” (WILDE, 1996, p. 62). Um ambiente incômodo, feio, como uma prisão, que contrasta com a beleza da atriz: “[...] – uma moça de apenas dezessete anos, com um rostinho de flor, uma cabecinha grega enfeitada com crespas tranças de um castanho-escuro, uns olhos que eram fontes violáceas de paixão e uns lábios que eram como pétalas de rosa. Era a criatura mais adorável que eu jamais tinha visto em minha vida. (WILDE, 1996, p. 63)”.

É no teatro que Sibyl conhece Dorian, especificamente, em seu camarim. Também é



lá que ela interpreta Julieta, e começa um amor impossível tanto quanto o dela, da personagem que a atriz interpreta. A jovem não tinha fortuna, precisa de trabalhar para viver, como argumenta Basílio enquanto conversa com Henry sobre a possibilidade de casamento entre Dorian e Sibyl: “– Mas pense na linhagem de Dorian, na sua posição, na sua fortuna. Seria absurdo casar-se com uma pessoa tão inferior a ele.” (WILDE, 1996, p. 88), o matrimônio de Romeu e Julieta foi impedido por questões familiares, nesse caso são as classes sociais que os separam.

Não só pela diferença social, mas também pela desconstrução que Sibyl faz da imagem de “[...] sagrada! [...] absoluta e completamente divina.” (WILDE, 1996, p. 65-67), que Dorian tinha dela. O amor de Dorian é quebrado quando Sibyl tenta mostrar sua personalidade e atua mal, a atriz declara ter reconhecido a superficialidade daquilo que tomava como verdade antes de conhecer o jovem narcisista: “[...] a única realidade da minha vida era o teatro. Vivia unicamente para o teatro. Achava que tudo aquilo era verdade.” (WILDE, 1996, p. 102). No entanto, Ele não estava presente na vida dela, apenas gostava de vê-la representar, seu amor era pelo talento da atriz, quando diz: “[Dorian] – Esta noite ela vai ser Imogênia – respondeu –, e amanhã à noite será Julieta. / [Henry] – Quando ela é Sibyl Vane? /

[Dorian] – Nunca.” (WILDE, 1996, p. 67), existe o encanto pela personalidade criada no teatro e o desconhecimento da personalidade real omitida pela máscara teatral.

Dessa forma, Sibyl tenta tirar a máscara teatral e mostrar, a Dorian, quem ela é, como Rosalinda que tira seu disfarce para casar-se com Orlando. No entanto, a primeira personagem citada, fracassa, enquanto que a segunda obtém êxito. Ela reconhece a necessidade de se libertar e atribui a Dorian a responsabilidade de ter-lhe feito enxergar além do que ela conseguia: “– Você chegou, oh, meu belo amor, e libertou a minha alma da sua prisão. Ensinou-me o que era verdadeiramente a realidade. Esta noite, pela primeira vez em minha vida, compreendi a falsidade a tolice da pomposidade vazia em que sempre representei. [...] as palavras que eu devia dizer não eram sinceras, não eram as minhas palavras [...]” (WILDE, 1996, p. 102-103)

Todavia, sua tentativa de demonstrar individualidade é frustrada por Dorian. Para ele, ela deveria continuar reprimindo a sua personalidade. Sibyl sofre a violência verbal, quando tenta se empoderar, demonstrar que ela pode ser mais que uma atriz, que tem sentimentos e que pode viver sem estar sempre vinculada a sua profissão. As consequências de suas atitudes são graves ela perde o seu objeto amado, é humilhada e responsabilizada pelo fim de seu noivado, “– Você matou o meu amor. [...] Costumava excitar a



minha imaginação. Agora, não consegue nem ao menos excitar a minha curiosidade. [...] Agora já não significa mais nada para mim. Não quero vê-la nunca mais. Não quero mais pensar em você. Nunca mais quero pronunciar seu nome. [...] Você pôs a perder a paixão romântica da minha vida [...] Ela soltou um gemido surdo e, atirando-se a seus pés, ali ficou como uma flor pisoteada.” (WILDE, 1996, p. 103-104)

Desse modo, a personagem é passiva nas orações de carga semântica positiva, e ativa nas orações de carga semântica negativa. Sibyl não pratica a ação, apenas a sofre, não é atuante, é tratada como um acréscimo. A repressão é refletida até nas ações que tentam concretizar o amor deles, como pode ser notado no trecho: “Meus lábios se aproximaram. Beijamo-nos [...] Um repentino tremor apossou-se dela e a fez vacilar como um pálido narciso.” (WILDE, 1996, p. 90). Durante a narrativa, a opressão é continuada, o que agrava a situação da jovem.

O ápice da repressão é quando a personagem, após várias tentativas de se libertar terem sido frustradas, repete a própria violência que os outros praticavam contra ela: “E, finalmente, foram encontrá-la morta, estendida no chão do seu camarim.” (WILDE, 1996, p. 116). O suicídio é o desejo de reestruturação da sociedade, uma forma de *acting out* (atuação), quando tudo o que é reprimido se torna muito denso para ser descarregado em palavras e toma forma de

uma ação, que também pode representar o desejo de matar o outro, o opressor.

Sua morte está ligada ao teatro, ela morre dentro do camarim, local utilizado para se maquiar e retirar a maquiagem, o que pode ser interpretado como uma forma frustrada de tentar se livrar do que escondia sua individualidade, a maquiagem. Ideia fortalecida pelo fato da jovem ter ingerido ácido prússico ou alvaiade, substâncias utilizadas em pinturas, e também pelo suicídio ter sido cometido por Julieta, uma das personagens que Sibyl interpreta. Desse modo, a morte da jovem ruiva, assim como a vida, está estritamente relacionada ao teatro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização desse trabalho, é possível afirmar que a personagem escolhida sofre repressão de diferentes formas. Ela é escravizada pelo dono do teatro, sua mãe não lhe deixa ter liberdade, seu irmão também a reprime, a personagem que diz amá-la a humilha e a abandona, o teatro mascara sua personalidade. O suicídio é o ápice de toda a violência, quando ela repete tudo o que lhe foi direcionado de forma física e irreversível.

Portanto, as diversas formas de opressão que sofre a personagem, constituem uma espécie de empecilho para que ela possa se emancipar, mostrando que sua condição de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inferiorizada se reflete em várias esferas de relacionamento humano a qual está inserida.

No trabalho, ela trabalha em um teatro do subúrbio londrino porque sua família deve ao dono do estabelecimento, interpreta mulheres fortes, como Imogene e Rosalinda, o que enfatiza sua situação de oprimida, mostrando o que ela pode ser apenas de maneira fantasiada, como uma máscara. A família, tanto o irmão quanto a mãe a impedem de ter sua independência, a mãe quer que ela viva para o teatro e o irmão a faz se sentir sufocada. Na sociedade, a personagem pertence a uma classe social baixa, inferior, que está na base da pirâmide do sistema capitalista, Basil afirma que ela é de uma linhagem inferior a de Dorian. No amor, ela se apaixona por um homem que a impede de ser quem ela deseja, acontece o completo esmagamento do Eu através do suicídio motivado pelo abandono.

Diante disso, pode-se perceber que a opressão vai aumentando de forma gradual. Ela aparece primeiro no teatro, interpretando, sendo quem ela não pode ser; segundo, a mãe e o irmão a privam de sua liberdade; terceiro o amor é quebrado, por sua tentativa de libertação; por último, a personagem reflete toda opressão externa cometendo a violência que foi internalizada, simbolizada pela substância utilizada para o suicídio, que a princípio é externa, mas quando ingerida,

intoxica e corrói de forma interna.

Essa análise poderá ser estendida para outras partes da obra, outras personagens femininas também poderiam ter sido analisadas, como a mãe de Sibyl, mulher solteira, que tem dois filhos, cujo pai era um homem casado com outra mulher. Também poderia ser analisada a condição de Victoria, mulher de Lord Henry, conhecida por lady Wotton, o que mostra que, para a sociedade da obra, ela pode ser um possível suplemento de seu marido.

A análise da personagem foi realizada com base em pesquisas sobre o perfil da mulher vitoriana da época que o livro foi publicado pela primeira vez, 1890. Quando surgiam os primeiros esboços de movimento feminista, encabeçado fortemente por mulheres que escreviam.

A realização desse trabalho é relevante para traçar um paralelo entre a mulher atual e a mulher vitoriana, que começava a exigir e lutar pela igualdade que exigia, não a inversão de papéis, e sim a equidade em todos os seus aspectos possíveis.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, Lynn. **Ideals of Womanhood in Victorian Britain**. 2001. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/trail/victorian_britain/women_home/ideals_womanhood_06.shtml>. Último acesso em 29 de dezembro de 2015.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CARDOSO, Mayara. **Ácido Cianídrico**.
Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/quimica/acido-cianidrico/>>. Último acesso em: 14 de janeiro, 2016.

Galileu: **Ciência comprova que igualdade de gênero existiu na pré-história**.
Disponível em:
<<http://revistagalileu.globo.com/blogs/fator-x/noticia/2015/05/ciencia-comprova-que-igualdade-de-genero-existiu-na-pre-historia.html>>. Último acesso em: 28 de dezembro, 2015.

LEITE, Ruth M. C. **Glossário com termos psicanalíticos**. Disponível em:
<<http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/glossariofreud.html>>. Último acesso em: 14 de janeiro.

PATMORE, Coventry. **The angel in the house**. 2011. Disponível em:
<http://academic.brooklyn.cuny.edu/english/melani/novel_19c/thackeray/angel.html>. Último acesso em: 29 de dezembro de 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens**.
Edição Digital: Ridendo Castigat Mores, 2004.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**.
São Paulo: Nova Cultural, 1996.
WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres.
In: **Virginia Woolf: Killing the angel in the house**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.